

# Aquisição das líquidas não-laterais na linguagem escrita

Noely Varella\*

## 1 Introdução

A aquisição das líquidas não-laterais, na linguagem escrita de crianças, tem sido tema de discussão entre professores de séries iniciais, da área de Língua Portuguesa e de supervisão escolar. A complexidade relacionada à aquisição desses fonemas, na fala, requer pesquisas específicas sobre sua representação na linguagem escrita.

Este estudo teve origem no Curso de Pós-Graduação – Especialização em Alfabetização e Ação Supervisora (ênfase nas áreas sociopsicolinguística e supervisora) – desenvolvido na UNISINOS, no período de junho de 1999 a setembro de 2000. Os dados fazem parte do corpus coletado por 16 alunas, compreendendo a escrita de 64 crianças de séries iniciais da área de abrangência da Universidade e de dez alunos do MOVA, de Porto Alegre. Foram analisados, aproximadamente, 266 textos produzidos até o final do ano letivo de 1999, em situação de sala de aula.

As líquidas não-laterais ('r-fraco' e 'r-forte'), nas pesquisas de aquisição da fonologia, são consideradas como as consoantes de domínio mais tardio. "A literatura tem sido unânime em apontar as líquidas como as consoantes cujo domínio é complexo e tardio em diferentes sistemas linguísticos" (Hernandorena e Lamprecht, 1997, p. 7).

Considerando resultados apontados em pesquisas da área de aquisição fonológica, este estudo busca verificar a aquisição das líquidas não-laterais na linguagem escrita. Partindo de estudo desenvolvido por Miranda (1996) foram consideradas as variáveis: produção ou não do segmento; o quê foi produzido; posição na sílaba; posição na palavra.

\* UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

## 2 Pressupostos teóricos

O conhecimento, pelo professor, dos muitos estudos existentes sobre os sistemas de escrita pode contribuir para interpretação do modo como as crianças escrevem. (Ferreiro e Teberosky, 1986).

"Em 'aquisição da escrita e da leitura: um processo'<sup>1</sup> menciona-se de passagem, a questão da 'alfabetização' vs. 'ortografização'. A escola, sabe-se, não tem clara a distinção entre esses dois aspectos da aquisição de um sistema de escrita de base alfabética, cobrando a fixação da convenção ortográfica 'prematuramente' ou a deixa de lado... (Abaurre, 1990, p. 152).

É necessário considerar que houve um consenso, na sociedade, de como todos devem escrever determinada palavra, tendo em vista "as atuais ortografias que vão além da mera codificação de relações som-grafema" (Morais, 2000, p. 12), e não porque essa forma representa uma 'pronúncia correta' (Massini-Cagliari, 1999, p. 124). Na fala, a aquisição do 'r-forte', mesmo aos dois anos, atinge índices (50%) que só serão alcançados para 'r-fraco' pelas crianças de 3:2 anos. A aquisição não é um processo linear, pois são observáveis momentos de queda na linha ascendente do desenvolvimento. É o conhecido fenômeno da "curva em U", freqüentemente observado em estudos longitudinais.

Considerando, ainda, a fala, a sílaba básica CV tende a ser preenchida já em estágios bem iniciais do desenvolvimento lingüístico. Em onset simples, (início de sílaba, início de palavra ou dentro da palavra) é onde está concentrada a maioria das substituições por consoante lateral.

Quanto ao 'r-forte', em português, a repetição de letras em posições adjacentes envolve somente letras que representam consoantes, podendo ser duplicadas são 'r' e 's'. Há restrições gráficas: a ortografia não permite o uso de 'rr' e 'ss' em início de palavras e antes ou depois de consoante. Com algumas vogais - 'o', 'a' e 'e' - em casos raros, também ocorre duplicação, mas não constituem dígrafos.

Do ponto de vista psicogenético, considerando o princípio da variedade interna (seguido pelas crianças) em que letras iguais não podem vir em seqüência, enquanto não for conhecida, exatamente, a origem desse princípio (Ferreiro, Pontecorvo e Zucchermaglio, 1996). "Mais pesquisa é necessária para explorar as possíveis origens da variação interna (p. 162)".<sup>2</sup> Há uma tendência de as crianças usarem menos letras do que dobrá-las onde não o são.

<sup>1</sup> Tema discutido em ABAURRE (1990, p. 189-192)

<sup>2</sup> Tradução minha.

Então, o problema da ortografia convencional de letras duplas não poderia ser posto somente em termos de detectar a correspondência som/letra como professores, freqüentemente, o fazem, pois é dependente de convencionalidades internas do sistema ortográfico mais do que uma relação precisa com a pronúncia da palavra particularmente quando consideradas as variações regionais desta pronúncia.

## 3 Resultados

Nesta seção são discutidos resultados evidenciados na análise dos dados, considerando a posição das líquidas na sílaba e na palavra e a série freqüentada pelos alunos.

### Ocorrência do 'r-fraco'

#### a) Em ISDP<sup>3</sup>

Tabela 1  
Total de ocorrências do 'r-fraco' em ISDP

DADOS	SÉRIE	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Ocorrências		148	163	282	279
Erros		2	4	2	1
% Erros		1,21	2,40	0,71	0,35

Observa-se, na tabela, que os índices de incorreção na representação de 'r-fraco' em ISDP, são baixos. Ocorreram três substituições, em 1ª e 3ª série respectivamente, da líquida não-lateral por líquida lateral ('pelulito' pirulito; 'celedro' cérebro; 'cindelênla' Cinderela), contrariamente ao que acontece na aquisição da fala (Miranda, 1996, p. 28): "em onset simples é onde está concentrada a maioria das substituições". Na fala, Miranda (1996) diz que é necessário fazer uma referência à natureza dos segmentos que podem substituir o 'r-fraco', constatando que as crianças produziram em seu lugar ou segmentos que compartilham o mesmo grau de sonância, ou aqueles que lhe são adjacentes na escala, glides e laterais, respectivamente, sendo diferente na escrita, conforme constatações feitas.

<sup>3</sup> ISDP - Início de sílaba, dentro da palavra.

b) Em FSDP\*

Tabela 2  
Total de ocorrências do 'r-fraco' em FSDP

DADOS	SÉRIE	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Ocorrências		59	90	130	160
Erros		6	2	2	3
% Erros		10,18	2,22	1,53	1,66

Na posição FSDP, observa-se a não-realização do 'r', em posição tônica e átona, diminuindo a ocorrência desse tipo de transgressão à medida que a criança avança na escolarização. Observou-se um caso de substituição na 2ª série - 'pouque' (porque) e um de acréscimo de vogal, na 4ª série - 'doriminhoco' (dorminhoco). Difere dos casos encontrados por Varella (1993) provavelmente justificado pelo período (final de ano) em que foram coletados os textos.

Na fala, Miranda (1996) constata alto índice de omissões, parecendo não ser de molde silábico uma vez que a produção nessa posição, foi muito precoce, "sendo essa a posição em que o 'r-fraco' começou a ser produzido pelas crianças" (Miranda, 1998, p. 128). Nesses casos são freqüentes ocorrências de semivocalização para [y]. Fica evidente que "a posição é reconhecida pela criança, que a preenche com um segmento tão soante quanto 'r-fraco', criando um ditongo decrescente" (ibidem).

Muitas vezes o som de um 'r' travando sílaba, é quase imperceptível e não se constitui, assim, em pista evidente para a inclusão de mais uma letra na escrita (Abaurre, 1990). Em relação ao estudo feito, pode-se concluir que a aquisição nessa posição, é precoce, conforme os dados da Tabela 2 apontam.

c) Em FSFP\*

Tabela 3  
Total de ocorrências do 'r-fraco' em FSFP

DADOS	SÉRIE	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Ocorrências		58	78	201	251
Erros		6	4	11	10
% Erros		10,34	5,20	5,45	3,98

\* FSDP - Final de sílaba, dentro da palavra.  
\* FSFP - Final de sílaba, final de palavra.

Em FSFP, em todas as séries, houve casos de não-realização da líquida /r/, não sendo significativos os índices apresentados no corpus analisado. A superação ocorre à medida que o aluno avança na série. O caminho que alguns precisam percorrer é, no entanto, mais longo e tortuoso (particularmente se a variedade falada estiver bem mais distante da forma escrita...) (Massini-Cagliari, 1999).

Na fala do povo e, mesmo na linguagem espontânea de gente culta, observa-se o apagamento desse som. Bertani (1998) pesquisa o apagamento ou retenção da líquida final dos verbos no infinitivo impessoal da Língua Portuguesa na cidade de Porto Alegre.

"Ao analisarmos um conjunto de variáveis lingüísticas e extralingüísticas relacionadas com a perda do /R/ final de verbos no infinitivo impessoal da Língua Portuguesa, pudemos observar que a variação entre o apagamento e a retenção do segmento /R/ é quase inexistente na língua falada, em seu estágio atual" (Bertani, 1998, p. 39).

Estudo sobre a mesma questão foi realizado pela mesma pesquisadora relativamente ao apagamento e retenção da líquida /R/ a partir de narrativas lidas e contadas por crianças. (Bertani, 1999), constatando que, no caso de leitura, o sujeito retém o /R/ assim como no uso de discurso direto das narrativas, enquanto que, na fala espontânea, percebe-se um apagamento maior.

Bertani (1998) aponta duas maneiras hipotéticas na formação do infinitivo:

- 1) radical + vogal temática + desinência /R/
- 2) radical + vogal temática com tonicidade

Na escrita, parece ocorrer a segunda hipótese. Em casos de textos de adultos em fase de alfabetização, observa-se a ocorrência de hipercorreção em formas verbais oxítonas: estar (está); pedir (pedi).

Em todas as séries foram observados "apagamentos", predominantemente em verbos, mas constatado também na posição final de substantivos. Difere, pois, da fala em que a não realização em substantivos é menor que em verbos.

\* Há diferentes formas de considerar a classificação da líquida nas posições FSDP, FSFP.

d) Em sílaba complexa – encontros consonantais

Tabela 4

Total de ocorrências em encontros consonantais

SÉRIE	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Ocorrências	95	138	287	257
Erros	7	5	8	8
% Erros	6,65	6,90	2,29	2,07

Na posição de onset complexo ocorre a redução de um dos segmentos (plosiva/fricativa) ou líquida, mas não de forma significativa, nas 1ª e 2ª séries. As constatações nas 3ª e 4ª séries parecem relacionar-se mais à transcrição fonética, com em 'pa' (pra), 'perfiro' (prefiro), 'persiso' (preciso). Na terceira série, a criança que mais incorreções evidenciou, denota interferências de outra ordem nos seus escritos.

Varela (1993), em seus estudos constatou que há uma relação entre os processos relacionados à representação das líquidas, como redução de encontro consonantal, acréscimo de letra ou reordenação na sílaba ou palavra, caracterizando-se como estratégias de superação. Treiman (1993) explica que tais estratégias ocorrem influenciadas pelo desenvolvimento da consciência fonológica integrada ao conhecimento das letras.

Na fala (Miranda, 1996), na posição de onset complexo, (sílabas formada por encontro consonantal) predominou a omissão de segmento. Na coda final os casos de semivocalização para [y] aparecem com mais frequência, ficando evidente que a posição é reconhecida pela criança, que a preenche com um segmento tão soante quanto 'r-fraco', criando um ditongo decrescente.

Ocorrências do 'r-forte'

a) Em ISIP<sup>7</sup>

Tabela 5

Total de ocorrências do 'r-forte' em ISIP

SÉRIE	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Ocorrências	23	23	37	48
Erros	ZERO	ZERO	ZERO	ZERO
% Erros	ZERO	ZERO	ZERO	ZERO

<sup>7</sup> ISIP – Início de sílaba, início de palavra.

Os dados referentes a essa variável mostram que nas escritas analisadas não foi observado nenhum caso de incorreção na representação do /R/ nessa posição.

b) Em ISDP<sup>8</sup>

Tabela 6

Total de ocorrências do 'r-forte' em ISDP

SÉRIE	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Ocorrências	16	22	58	68
Erros	8	15	14	25
% Erros	50,00	68,18	24,15	36,26

Índices mais elevados nessa posição, são registrados na 1ª e 2ª séries. O aparecimento de formas do tipo 'corida', 'corido' "envolvem a aplicação de uma regra específica do nosso sistema ortográfico, que estabelece as relações entre letras e sons e entre sons e letras" (Massini-Cagliari, 1999, p. 127). Observa-se que o aprendiz constrói uma relação biunívoca entre sons e letras, típica de uma escrita fonética: um som corresponde a uma letra.

Em relação ao 'r-forte', na fala, Miranda (1996) observou que há substituições por consoantes plosivas. A presença de substituições por lateral é radicalmente menor do que as encontradas nos casos de 'r-fraco'. Semivocalizações ocorrem em número reduzido. É interessante observar que em nenhum momento ocorreu caso de substituição de 'r-forte' por semivogal [w] ou [y]. Há preferência por elementos pouco soantes.

Estudos de Rego e Buarque (2000) observaram essa variável, utilizando palavras reais e inventadas contendo esse som, em forma de ditado. Segundo as pesquisadoras esse desempenho revela que a descoberta do dígrafo 'rr' produz hipergeneralizações e usos inadequados, "revelando a capacidade gerativa das crianças" (p. 31). Morais aponta que para analisar o trabalho construtivo, é preciso considerar que por trás do produto externo "a notação que reproduz a norma no papel ou em qualquer outro suporte existe um trabalho cognitivo para aquela correta reprodução" (2000, p. 16).

<sup>8</sup> ISDP – Ver nota 1.

Os resultados obtidos, através da análise quantitativa e de indícios observados, evidenciam que a aquisição ortográfica do 'r-fraco' e do 'r-forte' estende-se ao longo da escolarização, nas séries iniciais e na fase inicial da alfabetização de jovens e adultos, na maioria dos casos analisados. Percebe-se a influência do nível sociocultural dos alunos cujos textos foram analisados. A aquisição do "erre" fraco, na escrita parece preceder a do "erre" forte.

#### 4 Considerações finais

Neste estudo foi possível verificar que, na escrita, ocorrem diferenças entre a aquisição da fala e da escrita. Nesta última, há evidências da complexidade na representação do 'r-forte', especialmente em ISDP, não se relacionando à fala: "é a escrita que cria categorias através das quais representamos a fala" (Ferreiro, Pontecorvo e Zucchermaglio, 1996, p. 163). Para que a intervenção sinta efeitos positivos na caminhada do aluno rumo ao domínio do sistema de escrita, é primordial que 'r-fraco' e 'r-forte', com suas diferenças e semelhanças, estejam bem claras ao professor, para que ele possa lidar bem com as situações-limite, como as que aqui foram discutidas.

#### Referências bibliográficas

- ABAURRE, M. B. M. Lingüística e psicopedagogia. In: SCOZ, B. J. L. et al. (orgs.). *Psicopedagogia: o caráter interdisciplinar na formação e atuação profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990, p. 186-216.
- BERTANI, S. R. Análise fonológica do infinitivo na fala em Porto Alegre. *Revista Língua & Literatura*, v. 1, n. 1, ago. 1998, p. 17-40.
- . Análise fonológica do infinitivo na fala e leitura de crianças. *Revista Língua & Literatura*, n. 3, ago. 1999, p. 135-160.
- FERREIRO, E.; PONTECORVO, C.; ZUCCHERMAGLIO, C. Pizza or piza? How children interpret the doubling of letters in writing. In: PONTECORVO, C et al. (ed.). *Children's early text construction*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1996, p. 145-163.
- HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. A aquisição das consoantes líquidas do português. *Letras de Hoje*, v. 32, n. 4, p. 7-22, dez. 1997.
- MASSINI-CAGLIARI, G. "Erros" de ortografia na alfabetização: escrita fonética ou reflexões sobre o próprio sistema de escrita. In: MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil - ALB; São Paulo/FAPESP, 1999, p. 121-128.

MIRANDA, A. M. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, PUCRS, 1996.

MORAIS, A. G. de. Ortografia: este peculiar objeto de conhecimento. In: MORAIS, Artur Gomes. *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 7-19.

REGO, L. L. B.; BUARQUE, L. L. Algumas fontes de dificuldade na aprendizagem de regras ortográficas. In: MORAIS, A. G. de M. *O aprendizado da ortografia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 21-41.

TREIMAN, R. *Beginning to spell: a study of first grade children*. New York: Oxford University, 1993.

VARELLA, N. K. *Na aquisição da escrita ocorrem processos fonológicos similares aos da aquisição da fala*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1993.